

## ANTÁRTICA, MEIO AMBIENTE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS: A PARTICIPAÇÃO DA CIÊNCIA BRASILEIRA NO CONTINENTE GELADO

**Israel de Oliveira Andrade**

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dirur/Ipea).

**Paulo Eduardo Aguiar Saraiva Câmara**

Professor do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB); e professor da Escola Superior de Defesa (ESD).

**Ana Flávia Barros-Platiau**

Professora do Instituto de Relações Internacionais da UnB; e professora da ESD.

**Laura Cristina Feindt Urrejola Silveira**

Doutoranda no Instituto de Relações Internacionais da UnB.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2967-port>

A Antártica é um continente que, além de possuir características geográficas, climáticas, ambientais e geopolíticas diferenciadas, possui também as características fundamentais para o equilíbrio climático e ambiental no planeta, especialmente para os países mais ao sul do globo, como é o caso do Brasil.

O interesse de diversos países pela região é histórico, mas foi no século XIX que ele se tornou mais visível, principalmente com a ocorrência do Ano Internacional Polar no final daquele século. No decorrer do século XX, sete países reivindicaram territórios naquele continente. Para lidar com essas demandas por território e proteger o meio ambiente local, foi elaborado o Tratado da Antártica, que permitiu e continua permitindo aos países explorar a região. No entanto, as únicas atividades permitidas são as pesquisas científicas, de modo que nenhuma atividade militar, nuclear ou de exploração comercial pode ser realizada naquela região.

O Brasil assinou o Tratado da Antártica tardiamente, somente em 1975, e promoveu a primeira expedição científica em 1982, por meio do Programa Antártico Brasileiro (Proantar) e

da Política Nacional para Assuntos Antárticos (Polantar), esta última revista recentemente.

Nesses mais de quarenta anos de pesquisas na Antártica, algumas descobertas científicas importantes já foram feitas, como a influência que o aquecimento global tem naquele continente e no derretimento do gelo, causando alterações climáticas, principalmente nos países mais ao sul do globo, com a maior ocorrência de períodos de seca ou chuvosos com um padrão diferente do que se conhecia, podendo afetar a produtividade do setor de agronegócios. Além disso, o menor grau de salinização do oceano que circunda aquele continente devido ao maior derretimento do gelo antártico interfere nas correntes marítimas globais, o que, juntamente com o aumento de CO<sub>2</sub> nos mares, modifica o ecossistema marinho, prejudicando também a indústria pesqueira. O degelo acelerado também pode fazer “reviver” organismos adormecidos desconhecidos que podem atingir não somente plantas, mas até mesmo a vida animal. Ainda como efeito do degelo, deve haver o aumento do nível dos oceanos, condenando as populações costeiras, o que causa problemas econômicos e sociais.